

PAULO MENDES CAMPOS

De um caderno cinzento

Crônicas, aforismos e outras epifanias

Organização, apresentação e notas
Elvia Bezerra



Copyright © 2015 by Joan A. Mendes Campos

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

A citação original de *Rei Lear* foi retirada de
William Shakespeare — Teatro completo, da Editora
Nova Aguilar, com tradução de Barbara Heliodora.

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Foto do autor

Arquivo © Estadão Conteúdo

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Valquíria Della Pozza

Marise Leal

Apoio de pesquisa

Instituto Moreira Salles

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Campos, Paulo Mendes, 1922-1991.

De um caderno cinzento / Paulo Mendes Campos ; organização,
apresentação e notas Elvia Bezerra. — 1ª ed. — São Paulo : Compa-
nhia das Letras, 2015.

ISBN 978-85-359-2578-4

1. Crônicas brasileiras I. Bezerra, Elvia. II. Título.

15-03825

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira 869.93

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Apresentação — O laboratório do cronista — Elvia Bezerra, 7

De um caderno cinzento, 19

De um caderno, 129

Miscelânea, 197

1

“Como não é possível, infelizmente, ver o futuro, não sabemos até que ponto — no mais profundo sentido — pertencemos ainda à Idade Média.” (Jung)

Escritor é aquele que aprende a todo momento de qualquer pessoa.

“Joguei o verso nobre aos cães negros da prosa.” (Victor Hugo)

O estranho, o imprevisível, é o próprio homem: que não é bom, está sozinho e espera.

Se A acredita em Deus, se B não acredita em Deus, se C não sabe se Deus existe, isso nada é para mim. A existência de Deus e a não existência de Deus estão fora do meu alcance; apenas

emocionalmente, intuitivamente, irracionalmente, afetivamente, humanamente, posso adivinhar a esperança de Deus, do mesmo modo que emocionalmente, intuitivamente etc., posso, em contrapartida, adivinhar o desespero da ausência de Deus ou a orfandade cósmica ou o ser-em-nada. E a isso chamo esperança-desespero ou condição humana.

Do alpendre nº 1 vejo a vaidade; do alpendre nº 2, o orgulho; do nº 3, a vida depois da minha morte; do alpendre N vejo os séculos; do alpendre Y vejo a finitude do sistema solar... (O show só funciona na lucidez de certas madrugadas.)

Tenho uma única superstição e chega: viver dá azar.

Brasil Brésil Brazil Brasul Brasol Brasal Braçal Bachsil Barsil
Abrasil Brasalho Braúsa Brothsil Brasell Cabrasil Pobresil.

Aos 74 anos morre Morandi. Nunca desejou ir a Paris; achava que vender seus quadros por mais de duzentos dólares era furto. Seu amor: o entretom surdo; seu mundo: a copa e a cozinha à luz dos crepúsculos; sua arte: conseguiu pintar o silêncio.

De um poeta japonês: “Meu amor é como a relva oculta no recesso da montanha: embora se alastre, ninguém o sabe”.

Heine teve duas paixões na vida: as mulheres bonitas e a Revolução Francesa. Stendhal dizia ao fim da vida que só lhe restavam dois prazeres constantes: Saint-Simon e espinafre.

Os anjos, bons e maus, não são invisíveis; nossa vista é que é fraca.

O casamento é uma lenta intervenção cirúrgica que tem o poder de separar duas criaturas cruel e desesperadamente agarradas uma à outra.

Não sabemos nada de nada. Mas preste atenção: nem mesmo chegamos a saber que não sabemos nada de nada.

Todas as mulheres, fiéis ou não, aguardam em febre a volta de Ulisses.

Todos os homens percebem o todo: o artista percebe também, ou de preferência, os detalhes.

— Se a gente aos quarenta anos ficasse maduro de todo...

— Sim...

— Seria a plenitude, nem dor, nem prazer, a plenitude espiritual ou mental, como você quiser.

— E não é?

— Quase. Infelizmente, pelo menos no meu caso e no da

maioria, há certas partes para sempre verdes e outras irremissivelmente passadas.

Estou pagando imposto de renda como um milionário, isto é, muito pouco.

Tinha dezessete ou dezoito anos quando o trem de Minas parou numa noite chuvosa na estação de Nova Iguaçu, e fiquei a ouvir um saxofone tocando um choro num clube popular ali perto, e, com uma súbita profundidade absurda, estúpida, adivinhei, esmagado, o resto de minha vida.

Manchete, 31/10/1964

Ele me disse que não era egoísta: “Gosto muito de minha mulher, mas também gosto muito das mulheres dos outros”.

Teu movimento é a tua saúde. Se a flecha não parte, és tu que ficas. É indispensável que a flecha esteja a caminho do alvo que, bem ou mal, miraste. Tua mente se deteriora se não te comprometes com o futuro. O resto é supérfluo. O passado é só a certeza de que existe no futuro uma outra janela, uma outra pessoa, melhor ou pior, outro tipo de dor ou tédio. O presente é pura tensão, a vizinhança da ansiedade, caso a flecha não parta. Se afrouxares a corda do presente, adoecerás de ti mesmo. Portanto, faz projetos. Planeja a viagem; muda de casa; marca hora no dentista.

O mainá apareceu morto na gaiola. Foi na manhã de domingo. A mãe foi a primeira a ver, depois o pai, depois ele, o menino.

Olharam e foram sentar-se em torno da mesa da cozinha, meio sonolentos, em silêncio, partindo o pão, servindo-se de leite e café. A mãe disse para o menino que fosse enterrar o mainá. Vou jogar ele na lixeira, disse o menino. Não senhor, você vai enterrá-lo. Tá bem. Vou enterrar onde enterrei o corupião, lá atrás, perto da pedreira. O corupião enterrei com a casinha dele. Ah, foi? Foi. O mainá era preto e amarelo e tinha vindo da Índia. Eles continuavam a comer pão, a tomar leite e café, em silêncio, fingindo que é a coisa mais natural do mundo a morte dum passarinho, um passarinho de menino, um mainá que veio da Índia e amanheceu morto na gaiola num domingo de manhã.

As raízes da neurose são domínio da antropologia: nossa fadiga e nosso medo mentais estão encravados no esforço que os antepassados primitivos fizeram a fim de compreender a realidade à luz exclusiva da inteligência. Sob esse aspecto, as tribos de cultura estacionária constituem grupos de homens que “recusaram” uma inteligência parcial do universo “em nome” duma animalidade religiosa, que é a saúde total. Reciprocamente: a civilização é a doença inevitável do homem.

Esse rápido e inelutável repuxão de alarme que faz o estrangeiro quando pressente que vamos colocar-lhe um problema de linguagem sobre o idioma dele.

Só os velhos parecem eternos.

O homem é o pior educador de todos os animais. A educação nunca serviu à vida emocional do adulto. Sempre se comete,

em maior ou menor escala, um de dois erros: sufoca-se o anjo da criança, liberando o demônio, ou sufoca-se o demônio, liberando um anjo inerte.

Quem passou pela ponte não atravessou o rio. Para certas naturezas violentas é insuportável a ideia de passar pela ponte.

O neurótico e o paraneurótico sabem que o mundo moderno tem mais profetas em cada esquina do que a velha Jerusalém. São cientistas, filósofos, políticos, poetas, todos eles sábios e sinistros. Profetizam que não vai acontecer nada.

Dona Dalva nega as leis do instinto, mas aceita todas as outras. Aceita todas as normas, todos os protocolos, conceitos, pre-conceitos, regras ortográficas, estatutos, disposições transitórias, bulas de remédio, mão e contramão, horários, regulamentos, praxes, portarias, ordens de serviço, etiquetas, hierarquias, avisos à população, apelos da Light para poupança de energia, recomendações de saúde pública, circulares, formulários, princípios morais, advertências do síndico, as formalidades todas do mundo civil e militar. Um ser irrepreensivelmente social. Logo, dona Dalva devia ser proibida. É um peso morto, uma galinha que se recusa a descer do poleiro. Ultimamente, no entanto, um cataclismo. Dona Dalva entrou para um curso noturno de espanhol. Pois nem dona Dalva suportou ficar neste mundo inteiramente morta.

Manchete, 27/03/1965

Passo o dia todo com uma sensação nova, nova pela consciência aguda que tenho dela: em algum lugar, por qualquer motivo, há uma situação que depende de mim, um estado de coisas que se modificaria com a minha presença e do qual eu receberia o reflexo capaz de me transformar. Em alguma parte, Copacabana, São João de Meriti, Recife, aqui perto, não sei onde, há uma ou várias pessoas que dependem de mim e eu delas. Nada podem fazer sozinhas; nada posso fazer sozinho. Não sei se é grave, pode ser apenas agradável ou frívolo o que faríamos — não sei e não importa. Sei apenas que me sinto a metade duma situação, a metade dum acontecimento.

Conheço perfeitamente o que pode esconder essa ansiedade, mas não me aquieto. Vejo com lucidez o símbolo dessa frustração, mas não me vale de nada. Não creio no pressentimento confuso, mas não me acalmo. Ando dum lado para outro, sento-me, levanto-me, vou à janela, acendo um cigarro, bebo sem sede um pouco d'água. Imagino o que devo fazer, o que gostaria de fazer, onde buscar a outra metade do que sou hoje, e não

consigo ver coisa nenhuma na tarde espantosamente clara. Resolvo então não fazer nada; mas é impossível não fazer nada. Decido sair. Mas para onde? Não importa. Saio. Encontro amigos e conhecidos. Sem dizer nada procuro saber se é com eles. Não é. Penso em ir à Floresta da Tijuca, a Petrópolis, a um clube que nunca frequentei, a vários outros lugares que me passam pela cabeça. Não vou: seria insensato. Passo contudo numa galeria de arte, onde se encontra uma linda mulher. Não, não é com ela. Olho com atenção as pessoas, espio para dentro das lojas, aceito com humildade o meu ataque de estupidez. Que que há? Não há nada. Há. Em algum lugar, há uma ação a cumprir. Em algum lugar, devo ser hoje o resto dum acontecimento. Não será num livro que se encontra o que me chama? Penso em centenas de livros: nada vejo. Não será dentro de mim? Viro e reviro-me: não cai nada de mim. Estou murcho, à espera de que o momento me colha na haste e faça do meu dia um destino.

Também eu poderia escrever a história de meu ideal: como ser derrotado na vida sem fazer força. Mas, mesmo para ser derrotado, tenho feito um pouco de força.

A vida (ou evolução) é uma sequência de vitórias absurdas. Do inorgânico ao orgânico; do unicelular às organizações pluricelulares; da vida marinha à vida terrestre; do animal terráqueo ao animal voador; do irracional ao racional; do selvagem ao social; do social ao civilizado; do civilizado de hoje a uma coisa da qual ignoramos o nome, e que se confunde decerto com a esperança da justiça, da paz e do amor.

Proponho que se estabeleça como teto da chatice matrimonial a senhora cinquentona que, às duas horas da tarde, cara amarrada, na esquina de Araújo Porto Alegre com Pedro Lessa, dizia para o marido: “Ontem você foi a um enterro; e hoje já morreu outro amigo seu?”.

Não, dizia-me Telêmaco, o amor, na minha idade, não. Falta-me resistência psíquica para viver em curto prazo todo o magma da natureza humana: o desejo de ser eterno, o desespero, o ciúme, o desvario, o ressentimento, o ódio, o sublime, a saudade, a paternidade (real ou frustrada), o lirismo, a ternura a um ponto deliquescente, a voragem enfim. Ao prazer, pois, madame.

Mazzini* com seu slogan (Deus é o povo) é sem dúvida o combativo e sincero precursor de todos os pedecês** do mundo.

Se só temos coisas reles para vender — raciocinava o pioneiro Patrick Geddes*** — temos de produzir personalidades reles para consumi-las.

Manchete, 24/04/1965

* Giuseppe Mazzini (1805-72), político e revolucionário italiano que criou movimentos com o objetivo de libertar e unificar Estados europeus. Sob o lema “Deus é o povo”, organizou a sociedade Jovem Itália.

** Referência ao Partido Democrata Cristão.

*** Patrick Geddes (1854-1932), biólogo e filósofo escocês.